



**CARTA DO BISPO DIOCESANO
SOBRE A ROMARIA DA TERRA
(20-09-87)**

Nova Iguaçu, 22 de agosto de 1987

Meus irmãos, minhas irmãs em Jesus Cristo,

Em setembro do ano passado celebramos a Romaria da Terra, em Pedra Lisa, área sofrida e problemática de nossa diocese. Este ano a segunda Romaria da Terra, do Estado do Rio, terá lugar em Pinheiral, Diocese de Barra do Pirai-Volta Redonda. Romaria é uma caminhada de Fé. Milhões de brasileiros peregrinam todos os anos para Aparecida, num gesto de confiança na Virgem Santíssima. Nas áreas sofridas do Nordeste também milhões de brasileiros vão em piedosa romagem até o Santuário de S. Francisco de Canindé, confiando ao Pobrezinho de Assis as suas piedosas esperanças.

Caminhada de Fé em Aparecida e em Canindé. Caminhada de Fé também nas Romarias da Terra que nos últimos anos acontecem pelo Brasil afora. Aí vamos em romaria de amor aos nossos irmãos oprimidos e sacrificados. Aí vamos em cumprimento do grande amor da caridade, pois a nossa Fé nos ensina, com Jesus, que o mandamento do amor de Deus e o mandamento do amor dos irmãos são fundamentais e inseparáveis. Ou na formulação de João (1Jo 3,16): "Nisto conhecemos o Amor: ele (Jesus) deu a vida por nós, e nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos".

"Aquele que ama a Deus ame também o seu irmão" (1Jo 4,21).

Em face do sofrimento de tantos irmãos nossos que procuram pelo trabalho digno receber o necessário para uma vida digna, sem pesar nada sobre o Governo e a sociedade; em face das deturpações tradicionais que colocam a propriedade estéril acima do trabalho fecundo e fecundante; em face da opressão legal que esmaga os irmãos ansiosos de terem o seu pedacinho de terra: não podemos ficar indiferentes, omissos acovardados.

A Romaria da Terra, ordeira e pacífica, mas clara e firme, quer ser um sinal de nossa Fé, de nossa Esperança e de nosso Amor. Somos Povo de Deus, Povo escolhido, Povo da Aliança, Povo sacerdotal, Povo messiânico. Não podemos assim ficar parados e medrosos diante do espetáculo escandaloso de pessoas batizadas no sangue de Jesus — donos de terra abandonada — oprimirem seus irmãos também batizados no sangue de Jesus que querem trabalhar com o suor de seu rosto, para viverem com a dignidade de filhos de Deus.

Embora eu esteja longe nesse dia, peço a nossos irmãos e irmãs da Baixada Fluminense e da Diocese de Nova Iguaçu que vão numerosos a Pinheiral, numa Romaria de Fé que abrirá os olhos dos cegos para o sofrimento dos irmãos. — Abençoando-os de coração, seu irmão bispo

† Adriano

**CARTA DO BISPO DIOCESANO,
CONVIDANDO PADRES E RELIGIOSAS
PARA O CURSO DE INTRODUÇÃO PASTORAL,
NO FINAL DE OUTUBRO PRÓXIMO**

Nova Iguaçu, 25 de agosto de 1987

Meus caros irmãos no sacerdócio,
Minhas caras irmãs na vida religiosa,

Muitos de vocês chegaram à Diocese de Nova Iguaçu nos últimos anos, como inestimável dom de Deus ao nosso Povo da Baixada Fluminense. Vindos de outras regiões, de outras dioceses, não lhes tem sido fácil conhecer as linhas pastorais de nossa Igreja particular e compreender a situação concreta de nosso Povo.

Por razões de ordem prática ainda não foi possível compilar o Diretório Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu, como foi desejado e seria necessário, um manual prático que ajudasse os irmãos e irmãs chegados de fora a compreender nossa Pastoral. Os resultados de nosso 1º Sinodo tornarão possível, como espero, o Diretório Pastoral.

Enquanto isto, foi-me pedido organizasse um curso de introdução pastoral para os padres e religiosas que chegaram à diocese nos últimos anos, os padres recém-ordenados e todos os interessados em melhor conhecer e compreender a Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu.

Na sessão do Conselho Presbiteral de 23 de junho foi decidido realizar o curso no mês de outubro: 13, 14 e 15; 27, 28 e 29, das 09 às 12h30. Local: Seminário Diocesano Paulo VI. Serão dez temas que desejo comunicar-lhes, para sentirem a importância do curso de introdução:

- 01 — Histórico da Baixada Fluminense (Prof. Sarda Baroud David).
- 02 — História da Diocese de Nova Iguaçu (bispo diocesano).
- 03 — Realidade da Baixada Fluminense, desafio para a Igreja (Fr. Luís).
- 04 — Fisionomia da Igreja de Nova Iguaçu — linhas pastorais, numa perspectiva libertadora, como resposta à nossa realidade (bispo).
- 05 — Organização da diocese (P. Agostinho Pretto).
- 06 — Ministros e ministérios (P. Bartolomeu Bergese).
- 07 — Problemas concretos da Pastoral (P. Valdir de Oliveira).
- 08 — Normas existentes (P. Mateus Vivalda).
- 09 — Conceito de Igreja que norteia a Pastoral (bispo).
- 10 — Movimentos populares na Baixada e na Igreja de Nova Iguaçu (P. Agostinho Pretto).

No decorrer do curso virão à tona, certamente, as dificuldades e necessidades concretas da Pastoral nas diversas comunidades e nos trabalhos assumidos por vocês.

Confiando que este convite encontre em todos vocês uma aceitação favorável e pedindo suas orações, assino-me fraternalmente seu irmão bispo

† Adriano

CARTA DO BISPO DIOCESANO, CONVIDANDO PADRES E RELIGIOSAS PARA UMA PALESTRA ESPECIAL SOBRE O SÍNODO (01-09-87, às 13:30 h, Moquetá)

Nova Iguaçu, 24 de agosto de 1987

Meus irmãos no sacerdócio,
Minhas irmãs na vida religiosa,

Em 18 de janeiro deste ano foi convocado o 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu, com o objetivo de rever, à luz do Espírito Santo, a caminhada de nossa diocese, nos seus vinte e sete anos de existência, e de escutar, guiados pelo Espírito de Deus, o que é a vontade do Pai em nosso trabalho pastoral rumo ao terceiro milênio.

Certamente devemos confessar com alegria e gratidão que Deus tem feito maravilhas no seu Povo humilde da Baixada Fluminense. Demos grandes passos. Nossa Igreja particular cresceu e desenvolveu-se. Mas quanto nos resta fazer. Quantos desafios esperam nossa resposta. Quantos aspectos importantes da Pastoral continuam abandonadas ou mal atendidas. Temos consciência de nossas limitações e fraquezas.

Em espírito de comunhão eclesial nosso 1º Sínodo, que se dirige em primeiro lugar aos agentes de Pastoral, quer refletir, discutir e decidir o que seja necessário para confirmar as maravilhas realizadas mas também para descobrir, sob a inspiração do Divino Paráclito, o que devemos fazer no futuro próximo.

Na primeira etapa do Sínodo verificamos como as comunidades e as paróquias se interessam em celebrá-lo. O encontro dos animadores sinodais no dia 22 p.p., no IESA, mostrou claramente que as comunidades querem participar. Nas minhas visitas pastorais, orientadas para o Sínodo, tenho sempre descoberto interesse, entusiasmo, esperança.

No retiro do clero, em Juiz de Fora, tratamos do Sínodo em duas tardes ricas de informação e sugestões. Nasceu aí o desejo de que o irmão bispo convocasse todos os padres e todas as religiosas — agentes pastorais de primeira linha — para o mesmo tipo de colocações e debates. Aproveitando a reunião pastoral da primeira terça-feira de setembro (dia 1º), peço a todos vocês que compareçam no Centro de Formação para refletirmos sobre o Sínodo. Na parte da manhã será este o assunto principal. Mas a partir das 13h30 continuará para todos os padres e todas as religiosas, num enfoque particular, a mesma reflexão sobre o Sínodo.

Esperando que todos vocês atendam ao convite do irmão bispo e pedindo suas orações, assino-me fraternalmente

† Adriano

QUEM TRANSMITE A FÉ? (2)

Dom Adriano, bispo diocesano

O planejamento pastoral deste ano me leva, todos os domingos, a duas paróquias de nossa diocese. Celebro a S. Missa, às vezes com Crisma, e prego sobre o Sínodo que começamos a realizar: o que é, como se desenvolve, o que pretende. Antes ou depois da S. Missa, de acordo com o programa local, tenho ocasião de falar durante uma hora ou mais com grupos representativos, com as "forças vivas" da comunidade. No salão paroquial é possível responder às perguntas que são feitas, pedindo esclarecimentos sobre o Sínodo ou já propondo questões pastorais que serão tratadas, com mais vagar, no próprio Sínodo.

É claro que nessas ocasiões também eu faço perguntas, as célebres perguntas pedagógicas do chamado método socrático. Com elas o auditório se vê confrontado com dificuldades, com dúvidas, com perspectivas, com sugestões, sempre em função do espírito crítico ou profético que, como cristãos, devem exercer, sempre em função também de colaboração com o irmão bispo para o bom desempenho da Pastoral. Lembro que foi dessas perguntas que nasceu a idéia do Sínodo.

Uma das perguntas necessárias é esta: Na opinião de vocês, quem é que deve transmitir a Fé?

Uma resposta freqüente, consoladora, sem dúvida nenhuma, é esta: toda a comunidade, toda a Igreja, todos os cristãos, todos nós. É resposta certíssima, porque, de fato, toda a Igreja é missionária, é apostólica, é sinal do Evangelho e testemunha de Jesus Cristo.

Aproveitando e louvando esta resposta, pergunto mais: Quem dentro da comunidade de Igreja, que é toda missionária, tem obrigação maior de transmitir a Fé, de educar na Fé? As respostas, corretas e constantes, são por exemplo: o Papa, o bispo, o padre, as religiosas, as catequistas, os agentes de Pastoral, os preparadores para os Sacramen-

tos, os ministros extraordinários dos Sacramentos. Insisto que na listagem faltou um grupo de pessoas que, por sua vocação, tem o primeiro e grave dever de educar na Fé.

Devo confessar que aqui raramente funciona a fantasia e a experiência. Por que falta a resposta conveniente? Será por que a prática da vida cristã assumiu uma lamentável decalagem em relação à Fé, já na família? Será que a coisa, de tão natural, nem pode ser imaginada?

Em que grupo social penso, nas minhas palestras e neste artigo? Trata-se dos Pais, daqueles que são os responsáveis pela primeira comunidade cristã, verdadeira Comunidade Eclesial de Base, a família. Os Pais cristãos apresentaram seus filhinhos à Igreja, para batizá-los. Na melhor tradição, desde os tempos apostólicos, sempre foi costume batizar crianças de tenra idade. Antigamente se insistia que fosse quanto antes, já nos primeiros oito dias do nascimento.

Mas por que essa tradição se a criancinha não sabe o que está fazendo? Receber um Sacramento da Fé sem ter Fé: isto está certo? Quebrando a Tradição eclesial, alguns grupos protestantes adiam o Batismo para a idade adulta. Mas nossa Igreja, como outras Igrejas Cristãs, conserva o Batismo de crianças? Por quê?

A explicação é esta: da unidade profunda e intensa que há entre o filho e os Pais nasce o direito-dever de assumirem a responsabilidade pelos filhinhos, tanto na área civil como na área religiosa. É portanto a Fé dos Pais que justifica o uso de batizar criancinhas. Só que esta apresentação da criança à Igreja implica num dever grave para os Pais cristãos: assumem o compromisso sagrado de transmitir a Fé a seus filhinhos, de educá-los na Fé. De sorte que são os Pais os primeiros mestres da Fé, os primeiros transmissores da Fé (NI 20-05-87).

PRIMEIROS TRANSMISSORES DA FÉ: OS PAIS

Dom Adriano, bispo diocesano

Quando, em minhas visitas pastorais de implantação do Sínodo, pergunto aos grupos presentes:

Quem são as pessoas, na Igreja, que devem transmitir a Fé?, raramente são mencionados os Pais. E no entanto são os Pais os primeiros transmissores da Fé, os primeiros educadores da Fé.

A vida de família é santificada e integrada no mistério de Cristo e da Igreja através do sacramento do matrimônio. O matrimônio dá à família cristã o seu caráter sobrenatural e também sua missão própria. Pelo sacramento os esposos tornam-se testemunha e mensageiros de Jesus Cristo, tornam-se apóstolos. Nada mais natural, assim, que sejam os filhos os primeiros a receber dos Pais a educação da Fé, nos seus momentos mais importantes de verdades que se crêem e de verdades que são vividas.

No fato de se incorporarem em Jesus Cristo pelo sacramento do matrimônio, que é um sacramento da Fé e da comunidade, os Pais crescem na Fé e participam com mais intensidade na grande comunidade da Igreja universal e na comunidade menor da sua paróquia. A Fé viva transborda, naturalmente, em primeiro lugar para o recinto da família que, segundo o Vaticano II, é "uma como Igreja doméstica" (A Luz dos Povos n. 11). Vale a pena citar todo este trechinho da Constituição Lumen Gentium (n. 11) que trata do "exercício do sacerdócio comum dos fiéis nos diversos sacramentos".

Tratando do matrimônio diz o texto da Lumen Gentium: "Os cônjuges cristãos pela virtude do sacramento do matrimônio, pelo qual significam e participam do mistério de unidade e fecundo amor entre Cristo e a Igreja (cf. Ef 5,32), ajudam-se a santificar-se um ao outro na vida conjugal bem como na aceitação e educação dos filhos, e têm para isso no seu estado e função um dom especial dentro do Povo de Deus. Deste consórcio procede a família, onde nascem os novos cidadãos da sociedade humana, que pela graça do Espírito Santo se tornam filhos de Deus no batismo, para que o Povo de Deus se perpetue no decurso dos tempos. É necessário que nesta espécie de Igreja doméstica os Pais sejam para os filhos, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros mestres da Fé. E favoreçam a vocação própria a cada qual, especialmente a vocação sagrada" (LG 11).

Esta foi sempre a convicção e a prática de nossa Igreja: os Pais são os primeiros transmissores e educadores da Fé; no recinto do lar está o seu primeiro campo de apostolado; o amor dos Pais, iluminado pela Fé, constrói Igreja na família. É a Fé dos Pais que justifica o batizado de crianças em tenra idade, como sempre aconteceu na Igreja desde os tempos mais antigos, desde os tempos apostólicos. Levando seus filhinhos à pia baptismal, como expressão de sua Fé, os Pais cristãos assumem o compromisso de educá-los na Fé da Igreja, que é a Fé dos apóstolos recebida de Jesus Cristo. Enquanto crianças, os filhos de Pais cristãos são carregados pela Fé dos seus Pais, num acompanhamento marcado de carinho e de amor, até que, um dia, possam os próprios filhos assumir pessoalmente a sua Fé.

Tais colocações mostram claramente a importância da Fé dos Pais para a educação da Fé dos filhos. Mostram também um aspecto doloroso da vida de muitas famílias: apesar do compromisso assumido, muitos Pais não assumem a educação da Fé dos filhos, não se consideram nem agem como os primeiros transmissores da Fé.

Vemos na situação de muitas famílias que não cumprem o seu papel de transmitir a Fé um desafio grave ao nosso 1º Sinodo. A reflexão sinodal — em nível de comunidades de base, de paróquia e de diocese, também em nível de movimentos e de conselhos, de comissões, de Pastoral em geral — talvez nos leve a assumir com mais intensidade e como prioridade a Pastoral da Família (NI 26-05-87).

CRÔNICA

15-07 — Sessão ordinária do Conselho Administrativo, no CEPAL. P. Ivo viaja para a França.

19-07 — Dom Adriano celebra a S. Missa no mosteiro das Clarissas, Parque Flora, às 06h00; em Nilópolis — N. Sra. Aparecida, às 08h30 e em Nilópolis — N. Sra. da Conceição às 17h00. Depois da S. Missa em Aparecida e antes da S. Missa em N. Sra. da Conceição o bispo diocesano falou demoradamente sobre o Sinodo. — Volta para a Bahia o arquiteto José Luiz de Lator Imbiriba, autor das plantas do Seminário e do Mosteiro das Clarissas (já antes: da Casa de Oração e do CEPAL). Veio a serviço da diocese, para verificar as obras do Mosteiro e da capela do Seminário.

21-07 — Reunião mensal do Clero, na Casa de Oração.

25-07 — Festa de Santiago na comunidade de Santiago, Cacuiá. Inauguração da Igreja nova, com celebração do bispo diocesano.

26-07 — Dom Adriano celebra a Eucaristia no mosteiro das Clarissas, às 06h00. Às 08h00 na matriz do K-11, com palestra sobre o Sinodo. E às 18h00 na matriz de N. Senhora de Fátima de S. Jorge.

27-07 — Almoço de confraternização no Centro de Formação de Vila de Cava.

28-07 — Início da Semana Teológica, no Seminário. — Sessão ordinária do Conselho Presbiteral, com eleição do P. Marcus Barbosa Guimarães para a paróquia de N. Sra. das Graças, de Mesquita, e do P. Valdir de Oliveira, para a paróquia de N. Sra. de Fátima, de Rocha Sobrinho (Banco de Areia). Tratou-se longamente das dificuldades das paróquias confiadas a irmãs (falta de assistência sacerdotal). Deu-se notícia do Sinodo, do Seminário, da Cozinha Industrial (restaurante junto da Catedral), do Nosso Lar, do Mosteiro das Clarissas, do retiro anual do clero, do Projeto, da visita do INAMPS (direção) ao bispo diocesano, da Semana Teológica.

30-07 — Irmã Susana, superiora regional das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, com a Irmã Conselheira Geral para a América Latina e a Irmã Rosa Vos visitam o bispo diocesano.

31-07 — Tratam com o bispo diocesano sobre a possibilidade de abrirem uma casa de formação no território da diocese de Nova Iguaçu a Irmã Ernestina, Provincial das Irmãs de Santa Catarina (Petrópolis), e a Irmã Conceição.

02-08 — O bispo diocesano celebra a S. Missa na comunidade da Fraternidade (paróquia da Califórnia) às 08h30; depois da Missa palestra sobre o Sinodo. De tarde, no curado de Santo Elias, às 13h30 palestra para os jovens também sobre o Sinodo e às 17h00 S. Missa na mesma comunidade.

04-08 — Reunião mensal da Pastoral, no Centro de Formação. Às 11h00 celebração da Palavra no Seminário, como abertura do semestre letivo. — De tarde visitam a diocese o casal Guido-Ruth Muer, acompanhado dos professores Nolke e Lohschelder.

06-08 — O P. Valdir de Oliveira assume a paróquia de Rocha Sobrinho, em cerimônia realizada na igreja matriz, às 19h00. O bispo diocesano dá a posse.

07-08 — O P. Marcus Barbosa Guimarães toma posse da paróquia de Mesquita, em cerimônia presidida pelo bispo diocesano.

08-08 — O bispo diocesano inaugura o Centro Comunitário de S. José, curato da Cacuiá: bênção do Centro-capela e celebração da S. Missa, às 19h00.

09-08 — Dom Adriano celebra a S. Missa no mosteiro das Clarissas, Parque Flora, às 06h00; às 07h30 proclamação do Sinodo e crisma na matriz da Sagrada Família, Posse; depois da S. Missa, palestra sobre o Sinodo. — De tarde às 15h00 anúncio do Sinodo na matriz da SSma. Trindade, em Olinda. Depois visita com vários membros da comunidade, acompanhado de Frei Sérgio e Frei Mauro, à favela Nova Olinda; os moradores da favela pedem colaboração da diocese para resolver vários problemas, entre eles a legalização dos terrenos ocupados faz já cinco-seis anos.

NOSSA FÉ

Dom Adriano, bispo diocesano
Fé supõe confiança, mas é muito mais do que

confiança: Fé é sobretudo o abandono consciente e convencido de quem é fraco, limitado, imperfeito

Aquele que se revela como o Deus todo-poderoso e santo, que é sobretudo Pai na capacidade infinita de amar — Deus é amor (cf. 1Jo 2,16) — e, por causa do Amor, nos ama na paciência, no respeito, na compreensão.

Só tem Fé aquele que, apesar de sua riqueza interior, apesar dos seus talentos, apesar de sua experiência existencial, se sente frágil, limitado, incapaz de enfrentar, por si mesmo, os problemas e os desafios radicais de nossa vida e do nosso ser. Ao encontro dessa nossa "fraqueza" vem o Amor de Deus que se revela como o Amor infinito que tudo é e tudo pode, como o Amor que responde à nossa fraqueza, sem nos ferir, sem nos humilhar, sem nos violentar. O orgulhoso, o auto-suficiente, o dono da verdade não se alça à dimensão profunda da Fé que é abandono humilde e confiança ao Amor do Pai.

A consciência de nossa fraqueza e, em conseqüência disto, a procura de uma Força superior nos levariam a um transcendente vago, confuso que se tornaria talvez num "deus criado à nossa imagem e semelhança", se não tivesse havido da parte de Deus uma auto-revelação: Deus se revela a si mesmo aos homens.

Isto aconteceu, na História, através dos patriarcas e profetas do Povo de Israel, o Povo escolhido por Deus para ser, no mundo, o portador da divina revelação. E quando chegou a plenitude dos tempos (Gl 4,4) Deus "nos falou por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por quem, igualmente, criou o mundo" (cf. Hb 1,2).

Com Jesus Cristo, Filho de Deus, Deus e homem, encerra-se definitivamente o ciclo da auto-revelação de Deus na História. Jesus Cristo é a Palavra de Deus feita homem, palavra de Amor definitivo, que se insere na História dos homens para responder,

de maneira total e absoluta, a todas as nossas angústias existenciais. Jesus Cristo é a resposta de Deus, o "sim" de Deus, do Amor de Deus, às nossas fraquezas e limitações.

Compreendemos por que "transmitir a Fé" é essencialmente anunciar Jesus Cristo como salvador e salvação da humanidade.

Em Jesus Cristo se completa a auto-revelação de Deus. E completa-se de uma maneira humana, muito concreta e compreensível para todos nós. Paulo nos conserva um hino litúrgico em que se exprime com clareza a situação do Filho de Deus que assume no seio da puríssima Virgem Maria a nossa condição humana:

"Tenham no seu íntimo aqueles mesmos sentimentos que foram os de Cristo Jesus: ele, existindo com natureza de Deus, não reteve para si, com ciúme, o ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a natureza de escravo e fazendo-se semelhante aos homens; e sendo tido em conta de homem, humilhou-se ainda mais, feito obediente até a morte, e morte de cruz. Por isto é que Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e abaixo da terra. E toda língua confesse, para glória de Deus Pai: Jesus Cristo é Senhor" (Fl 2,5-11).

O objeto de nossa Fé, que na concepção cristã já é graça sobrenatural, não é criação nossa, um Deus portanto criado à nossa imagem e semelhança. Não. O objeto de nossa Fé é o Deus vivo e verdadeiro que se revelou definitivamente à humanidade em Jesus Cristo. De tal sorte que Pedro, encantado de Jesus, pôde anunciar aos judeus, depois de Pentecostes: "Em nenhum outro se encontra a salvação; pois debaixo do céu não foi dado aos homens outro nome pelo qual possamos salvar-nos" (At 4,12).

POR QUE MARIA?

Dom Adriano, bispo diocesano

Celebrando o Ano Mariano que, na palavra do Papa João Paulo II, põe em relevo especial a presença da Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja (encíclica *Redemptoris Mater* nº 48), podemos perguntar: por que damos tanta importância a Maria em nossa Igreja Católica? por que a Igreja Ortodoxa, não unida à Igreja Católica, conserva a tradição de um culto intenso, prestado a Maria? Olhemos a Bíblia Sagrada.

Na epístola aos Gálatas Paulo resume assim o mistério do Amor do Pai: "Quando chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos adoção filial" (Gl 4,4-5). Quem foi esta mulher, instrumento do Amor do Pai para a salvação da humanidade?

Lucas nos conta como o anjo Gabriel foi mandado "por Deus" a Nazaré a uma virgem chamada Maria. Com a mensagem clara do Amor do Pai: "Encontraste graça junto de Deus. Conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre e o seu reinado não terá fim". E diante da pergunta de Maria: "Como é que vai acontecer isto, se eu não conheço homem algum?", Gabriel levanta a ponta do mistério, dizendo: "O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus" (cf. Lc 1,26-38). A cena, de alta importância para a História da Salvação, termina com a palavra definitiva de aceitação: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra".

Lucas, de algum modo, explícita e desenvolve a intuição teológica de Paulo, narrando o fato histórico. A partir deste momento em que aceita ser Mãe de Jesus, Maria está profundamente envolvida na missão salvífica do Amor de Deus.

Por que Maria tem um lugar especial no mistério da salvação, na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus? Por livre escolha de Deus, por graça do Pai.

O que Maria é na comunhão com Jesus, é somente expressão livre e generosa do amor de Deus. Como é possível apagar ou diminuir o valor de uma pessoa que Deus escolhe para ser instrumento de sua vontade salvadora? Como é possível ignorar e desprezar aquela que concebeu o Filho de Deus e o deu ao mundo, por determinação livre da vontade do Pai? (cf. Mt 1,18-25).

Por que Maria na vida da Igreja? Lucas, nos Atos dos Apóstolos (que são a história da Igreja primitiva) nos diz que, depois da ascensão do Senhor ao céu, os Apóstolos, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres entre as quais Maria, a Mãe de Jesus" (At 1,14). Dentro do contexto podemos admitir com certeza (de acordo com a tradição) que Maria estava com os apóstolos, celebrando o dia de Pentecostes e que com os apóstolos recebeu o Espírito Santo.

Por ser Mãe de Jesus e por identificar-se com Jesus (cf. Mt 12,46-50 e paralelos; Lc 11,27-28) no cumprimento da vontade do Pai, Maria SSma. identifica-se também com a Igreja, Povo de Deus que continua, espalhado pelo mundo inteiro, a promessa feita a Abraão e a sua descendência para sempre (cf. Lc 1,55).

Nem a Igreja nem o Papa podem ser contrários à Bíblia Sagrada no que os livros santos nos dizem a respeito de Maria, Mãe de Jesus e Mãe de Deus. Neste fundamento bíblico se constrói o Ano Mariano e toda a piedade mariana da Igreja.

A QUEM SE DIRIGE O SÍNODO?

Dom Adriano, bispo diocesano

O 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu, que foi solenemente lançado no dia 18 de janeiro deste ano, tem seus destinatários. Quem são? Que grupos de pessoas o Sínodo quer atingir? Devemos distinguir.

A curto prazo, no primeiro período, o Sínodo atinge os chamados "animadores sinodais", isto é: aqueles agentes de Pastoral que as comunidades escolheram, dois a quatro por comunidade, a fim de fazerem o curso de preparação intensa que as capacite a assumirem a implantação do Sínodo em nível de comunidade, de paróquia, de conselhos, de movimentos, de associações. Através do curso de dinâmica cristã, enriquecido de conteúdo e de orientação, de planos e pistas e sugestões e exercícios práticos, os "animadores sinodais" levarão o Sínodo às forças vivas, aos agentes pastorais, aos cristãos engajados de nossa diocese. Isto se fará no segundo e no terceiro períodos.

A médio prazo o Sínodo se realiza com os Sinodais, isto é: com os representantes do Povo de Deus, escolhidos e nomeados segundo as normas do Direito Canônico, da Igreja universal, ou segundo as determinações de nossa diocese. Quantos serão os Sinodais? De 200 a 300: padres, religiosas e leigos. Estes serão a grande maioria. Todos são agentes de pastoral. Todos estão comprometidos com a Igreja e com a Pastoral. Todos terão ocasião de elaborar o Documento Sinodal que, aproveitando as contribuições do Povo de Deus, será normativo e orientador de nossa Pastoral para os próximos anos e mesmo decênios.

A curto e a médio prazos o Sínodo atinge os nossos agentes de Pastoral: primeiramente os "animadores sinodais", depois, através destes, os agentes de Pastoral das comunidades (segundo período), das paróquias (terceiro período). No segundo

e terceiro períodos são atingidos também os movimentos, os grupos, os conselhos paroquiais e comunitários, as associações.

A preocupação com os agentes de Pastoral e/ou "forças vivas" da diocese é justificada e necessária, pois afinal de contas são eles que executam a Pastoral em todos os níveis. Sua experiência, sua crítica, sua vivência, sua gestão, seu voto têm grande valor para o Sínodo e, através do Sínodo, para o futuro da Pastoral em Nova Iguaçu. Os agentes de Pastoral executam o trabalho da Igreja, mas também o determinam e caracterizam. De tal modo que podemos estabelecer a tese: A Pastoral de uma diocese é determinada pelo trabalho, pelas concepções, pela "imagem de Igreja", pelas linhas pastorais que os agentes de Pastoral assumem. Ou também esta outra: A Igreja particular é caracterizada por seus agentes de Pastoral.

Sentimos na diocese de Nova Iguaçu a existência de certos conflitos pastorais, mais implícitos do que explícitos, mais latentes do que manifestos. Há esforço comum. Há esforço generoso. Mas porque os agentes de Pastoral provêm das mais diversas origens, passaram pelos mais diversos tipos de aprendizagem e de experiência e não gozaram em nossa diocese de uma formação mais sistemática, decorre daí que é frágil a unidade; que as linhas pastorais não são bem conhecidas nem bem aplicadas; que os métodos e instrumentos de trabalho são os mais variados; que a "imagem" de nossa diocese oferece muitos aspectos perturbadores e confusos. Temos a impressão de um trabalho pastoral disperso e dispersivo, carente de linhas claras. E se as linhas existem, como o bispo diocesano explica tantas vezes, não são devidamente conhecidas nem assumidas.

Estas reflexões querem mostrar que o Sínodo Diocesano se dirige em primeiro lugar aos agentes de Pastoral, às forças vivas de nossa diocese.

O SÍNODO E O POVO DE DEUS

Dom Adriano, bispo diocesano

A curto prazo o Sínodo atinge os chamados "animadores sinodais", isto é: os agentes de Pastoral que as comunidades escolheram, entre 2 e 4, para fazerem um curso de capacitação sinodal (primeiro período). Ainda a curto prazo, os "animadores sinodais" implantam o Sínodo nas comunidades eclesiais de base (segundo período) e nas paróquias (terceiro período). Ainda a curto prazo o Sínodo alcança as associações religiosas, os movimentos, os organismos diocesanos nos mais diversos níveis, as instituições, as diversas comissões etc., todos que de um ou de outro modo estão comprometidos com a Pastoral.

A médio prazo é a vez de o Sínodo atingir os chamados "sinodais", isto é: aqueles representantes do Povo de Deus, padres e leigos, que segundo os cânones do Direito Canônico e as determinações de nossa diocese assumirão, com o bispo diocesano, a fase final do Sínodo. Serão de 200 a 300. E terão por objetivo principal, no quarto período, a discussão de todo o material proveniente dos períodos anteriores, sua sistematização e a elaboração do Documento Sinodal. Este Documento Sinodal terá 4 redações: as três primeiras voltarão, depois de sistematizadas e discutidas, às comunidades, às paróquias, aos movimentos e instituições, para reexame e enriquecimento. Na quarta redação, que será a última, os Sinodais discutem ponto por ponto, item por item, votando-os devidamente até a aprovação final do bispo diocesano. Se começamos o Sínodo no dia 18 de janeiro de 1987, é o processo sinodal, o desenvolvimento do processo, que determinará tanto a duração do segundo e terceiro períodos, como também o encerramento definitivo do 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu. Como se vê, a curto e a médio prazo o Sínodo atinge somente os agentes de Pastoral e algumas pessoas mais interessadas que espontaneamente, mas em vista de se engajarem na Pastoral, pro-

curam tomar parte nos trabalhos. Quando no momento oportuno terminar o quarto e último período, poderemos dizer: "O Sínodo acabou, começa agora o Sínodo".

Se no dia do encerramento solene termina o 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu, começará então a aplicação do Documento Sinodal. A longo prazo o Sínodo atingirá o Povo de Deus, através dos agentes de Pastoral devidamente embebidos do espírito do Sínodo.

Certamente o Sínodo não é panacéia. Não somos tão ingênuos que pensemos: o Sínodo resolve tudo como que por milagre. Não é assim. Mas é certo que o processo sinodal de dois ou três anos, envolvendo as forças vivas da Pastoral, levantando pistas, propondo novos instrumentos de trabalho, dando-nos uma visão de conjunto, conscientizando todos os agentes de Pastoral para aquilo que são as linhas pastorais, as prioridades, as dimensões de nosso esforço eclesial, acabará envolvendo todo o Povo de Deus que está na diocese de Nova Iguaçu. Sem querer antecipar os resultados, sem pretender nem de longe manipular os animadores sinodais (do primeiro, segundo e terceiros períodos) e os sinodais (do quarto período), julgo descobrir, das conversas e palestras que tenho vivido, um forte desejo de que se intensifique e sistematize a formação dos agentes de Pastoral; que se dê uma prioridade muito acentuada à Pastoral da Família na qual se incluirá também a Pastoral das Crianças e dos Jovens, a Pastoral das Missões, Vocações e Ministérios; que se faça uma conscientização mais coerente da dimensão "operária" de toda a Pastoral, já que a Igreja de Nova Iguaçu é uma Igreja tipicamente marcada pela presença maciça de operários, de pequenos empregados e de pequenos funcionários. Já agora, desejo agradecer a Deus, doador de todos os bens, estas perspectivas luminosas para a nossa querida e sofrida Baixada Fluminense.

OS ANIMADORES SINODAIS NAS COMUNIDADES

Dom Adriano, bispo diocesano

Com a proclamação do 1º Sínodo Diocesano de Nova Iguaçu em 18 de janeiro deste ano, podemos dizer que nossa diocese entrou em "estado de Sínodo". Sem cortarmos nada, sem diminuirmos nada, sem amortecermos nada de nosso esforço pastoral, a diocese assumiu uma dimensão extraordinária que exercerá influência sobre todas as nossas atividades de Igreja.

Cabe aos animadores sinodais — aqueles agentes de Pastoral que as comunidades escolheram, para fazerem um curso intensivo de preparação que os capacitasse a realizar seu trabalho de base — implantar o Sínodo nas suas comunidades. Esta será a segunda etapa do Sínodo.

Como se processará?

Os animadores procuram atingir em primeiro lugar todos os agentes de Pastoral da comunidade: catequistas, equipe de Liturgia, círculos bíblicos, ministros dos diversos sacramentos, preparadores dos sacramentos, associações religiosas. Mas atingem também outras pessoas que, por quaisquer motivos, querem participar dos encontros sinodais. Temos de abrir um leque muito vasto de participação, para atingirmos melhor nossos objetivos.

Nesses encontros os animadores sinodais procuram orientar as pessoas presentes, conforme o método de ver, julgar e agir, para os três planos históricos da Pastoral: os vinte e sete anos de nossa fecunda caminhada; o nosso esforço presente em sua multiplicidade e variedade perturbadoras; as perspectivas de uma diocese que marcha a passos rápidos para o terceiro milênio.

Nosso tema é transmitir a Fé. E é este tema que orientará o nosso trabalho sinodal.

Em 27 anos de Pastoral como temos transmitido a Fé?

Os animadores sinodais ajudarão a reflexão dos agentes de Pastoral, no que diz respeito à prática pastoral da comunidade. Que tipos de Pastoral a comunidade executa? Talvez os seguintes: catequese, liturgia, vocações e ministérios, círculos bíblicos, clubes de mães, pastoral operária, pastoral da juventude, pastoral das empregadas domésticas, pastoral de favelas... Estarão funcionando a contento? Que defeitos maiores apresentam? Como é a preparação dos preparadores? Descendo a pormenores: como é a preparação para os diversos sacramentos: batismo, casamento, crisma, primeira eucaristia? como está a preparação dos noivos?

Numa região em que atuam inúmeros grupos religiosos, será necessário também dar consideração ao fenômeno: que experiências a comunidade tem feito? há ecumenismo? o que impede a dimensão ecumênica da Pastoral? que principais dificuldades os nossos fiéis encontram no seu relacionamento com os membros de outros grupos religiosos? o que é que explica o crescimento dos pentecostais? como se exprime a religiosidade popular católica? o que a caracteriza? o que a fomenta ou impede? Evidentemente os encontros da segunda etapa, nas comunidades, têm de focalizar também a atuação do bispo, dos padres, dos religiosos, dos agentes de Pastoral em geral.

Importante, como já foi lembrado, é que os participantes desses encontros tenham a maior liberdade de manifestação. Nesta segunda etapa não é necessário ainda partir rigorosamente do tema. Como se trata de uma ocasião rara de comunicação, os animadores sinodais deixem todos falar à vontade: experiências, críticas, pistas, desejos, propostas, votos. Tudo será anotado. Tudo será aproveitado oportunamente para o Sínodo ou para o futuro plano pastoral de nossa diocese, logo depois do Sínodo.

SISTEMATIZAÇÃO DO MATERIAL COLETADO

Dom Adriano, bispo diocesano

Nossa diocese tem quarenta e duas paróquias e dois curatos. Se admitirmos que cada uma tenha em média cinco comunidades, teremos 210 comunidades eclesiais nas quais se realizará o Sínodo na segunda etapa.

Durante cerca de seis meses duzentas e dez comunidades, representadas por seus agentes de Pastoral e outras pessoas interessadas, vão sob a orientação dos animadores sinodais olhar o passado, o presente e o futuro de nossa diocese; fazer uma revisão crítica das maravilhas que Deus fez em nosso Povo da Baixada apesar dos obstáculos e recuos, das omissões e vaidades; analisar, à luz da Fé, os desafios que nos são propostos pelas comunidades; descobrir, também à luz da Fé, o que poderá ser expressão da vontade de Deus na turbulência penosa da Baixada Fluminense; criar, com a inspiração do Espírito Santo, novos instrumentos de atividade pastoral.

Num clima de participação livre, sem quaisquer limites ou restrições, confiamos que os animadores sinodais despertarão nos encontros uma total liberdade de manifestação.

Tenho certeza que os participantes mostrarão uma riqueza extraordinária de experiências, de vivências, de propostas, de pistas, de planos. Tudo será protocolado. Tudo será aproveitado.

Contando que a grande maioria das comunidades — imaginemos que são de fato 210 — participarão, como será abundante, variado, diversificado o material que se recolherá. Humanamente será impossível aproveitar toda esta riqueza para a terceira etapa, se o trabalho de sistematização for feito por métodos artesanais. Para acompanharmos o ritmo do Sínodo, precisamos recorrer aos técnicos em computadores.

No momento oportuno os técnicos virão orientar-nos, para que todo o material recolhido seja, com a maior rapidez e honestidade, sistematizado devidamente, de sorte que possa ser aproveitado como material de reflexão e de trabalho na terceira etapa do Sínodo: em nível de paróquias.

Da terceira etapa vão participar, sob a orientação dos mesmos animadores sinodais, os agentes de pastoral enviados pelas comunidades ou todos ou em parte (ainda não se decidiu nada a este respeito). Também outras pessoas interessadas na Pastoral.

Quanto aos membros de instituições, movimentos, associações etc.: podem participar tanto da segunda etapa (nas comunidades) como da terceira (paróquias). Mas possivelmente se proporá às associações, organismos diocesanos, instituições, movimentos, grupos etc. que, sob a orientação de animadores sinodais, procurem realizar também o Sínodo no seu contexto particular e mandem à Comissão de Sistematização do Sínodo o elenco de suas proposições. Ou na terceira ou na quarta etapa essas contribuições serão também incorporadas ao texto sistematizado para discussão.

Como há liberdade total de manifestação de um lado e do outro lado o Sínodo é balizado pelo tema "transmitir a Fé" e pelo lema "a Baixada busca o Deus libertador", compreende-se que o documento final, que orientará a Pastoral nos próximos anos ou decênios, só poderá assimilar e sistematizar o que corresponde ao tema e ao lema. No entanto, o restante material será aproveitado oportunamente, à medida que os frutos do Sínodo forem sendo colhidos, à medida que o Sínodo fecundar os diversos aspectos da Pastoral e das estruturas de nossa Igreja particular.

POVO DE DEUS E PARTICIPAÇÃO (1)

Dom Adriano, bispo diocesano

A experiência política de muitos séculos tem demonstrado à sociedade que entre o sistema de governo exercido por um só ou por um grupo fechado — oligarquias, ditaduras, absolutismo — e o sistema de governo participativo — democracia — nossas preferências vão para a democracia. Apesar de defeituosa parece que a melhor definição de democracia continua sendo: governo do Povo pelo Povo em favor do Povo. A democracia será sempre um ideal, uma referência para todos aqueles que, sinceramente, procuram o bem do Povo com a colaboração do Povo.

Vale isto do Povo de Deus que é a Igreja?

É certo que nossa Igreja tem seus fundamentos sólidos e imutáveis a partir da revelação divina, a partir da Fé. A Igreja, em sua essência e em seus fundamentos, é uma realidade transcendente, é uma realidade sobrenatural, é um mistério da Fé. Isto é um dado certo e seguro.

Mas é um dado certo e seguro que Deus, dentre os muitos Povos do mundo, escolheu um Povo que fosse o *seu* Povo bem-amado; é certo e seguro que Deus, num gesto de amor transbordante, fez aliança com este seu Povo — o Povo de Israel — transformando-o em Povo sacerdotal, em Povo messiânico, encarregado de guardar inviolável a Fé dos Pais e de preparar na esperança a vinda do Salvador, do Messias prometido. Israel é o Povo de Deus.

Também é um dado certo e seguro que com Jesus Cristo, o Filho de Deus que se encarnou no seio da Virgem Puríssima Santa Maria, os limites do primeiro Israel foram alargados, para abranger, como novo Povo de Deus, como novo Povo da Aliança, como novo Povo sacerdotal e messiânico, todos os Povos do mundo. Temos aqui um dado da Fé.

Mas é um dado certo e seguro que este novo Povo da aliança, que abrange judeus e bárbaros, que

se identifica com os confins da Terra, foi chamado a participar do plano salvífico de Deus em Jesus Cristo. Assim compreendemos as palavras significativas de Jesus, dirigidas aos apóstolos e nos apóstolos, representativamente, a toda a Igreja, a todos nós: "Vão ao mundo inteiro, preguem o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15; cf. Mt 28,18-19).

O Povo de Deus é um Povo de participação e de comunhão. Neste sentido Paulo pode afirmar: "Somos cooperadores de Deus" (1Cor 3,9). E nas célebres enumerações dos carismas que o Espírito Santo distribuiu para o bem da Igreja (1Cor 12,27-30 e Ef 4,11-16; cf. também 1Cor 12,4-11; Rm 12,6-8), Paulo enumera os diversos dons, a partir da belíssima alegoria da Igreja como corpo de Cristo. Mas também a partir da outra profunda alegoria — Igreja: Povo de Deus — poderia ter enumerado as diferenças de carismas e dons que o Espírito — um só Espírito — reparte entre os homens, para o bem da Igreja e dos homens.

Um exemplo de participação: a eleição do sucessor de Pedro, aquele a quem chamamos de Santo Padre, de Papa, de Sumo Pontífice etc. Que Jesus escolheu Pedro para ser a pedra fundamental da Igreja visível, no-lo diz S. Mateus (Mt 16,13-19). A Fé da Igreja sempre acreditou que o carisma de "ser pedra fundamental da Igreja" foi dado, em Pedro, à Igreja; sempre acreditou que o carisma de Pedro, para o bem da Igreja, passaria ao sucessor de Pedro. Esta é a verdade revelada que não podemos mudar. Mas se Jesus Cristo pessoalmente escolheu Pedro, não deixou nenhuma orientação ou determinação para a escolha do sucessor de Pedro. Isto ficou entregue à Igreja. E a Igreja sempre entendeu este seu dever, embora no correr da História variasse a maneira, o critério, a lei de escolher o Papa. Nos primeiros tempos era o clero e o Povo de Roma quem elegia o Papa.

POVO DE DEUS E PARTICIPAÇÃO (2)

Dom Adriano, bispo diocesano

A escolha do Papa, sucessor de Pedro, esteve no decurso da História sujeita aos condicionamentos sociais do tempo. Na Igreja dos primeiros séculos o Papa era eleito pelo clero e pelo Povo de Roma; também os bispos eram eleitos pelo Povo. Depois do século IV começam os imperadores a exercer influência decisiva. Também a aristocracia romana assumiu por vezes a eleição em lugar do Povo. Houve, como exceção, um Papa — Félix III (526-530) que nomeou seu sucessor — Bonifácio II. A partir de Nicolau II (em 1059) ficou a eleição do Papa reservada aos cardeais bispos, para evitar as turbulências dos séculos anteriores. Por necessidade do momento, o Concílio de Lião (em 1274) criou o chamado "conclave" que permanece até hoje: os cardeais eleitores se trancam numa sala (hoje na Capela Sixtina), para sozinhos, sem quaisquer influências externas, escolherem o novo Papa.

O que quer dizer este processo de eleição do Papa? O dado certo e seguro que Pedro recebeu o carisma de ser o fundamento da unidade visível da Igreja remonta a Jesus Cristo: não pode ser mudado. A escolha do sucessor de Pedro, no entanto, está condicionada às circunstâncias particulares que preferem ora um ora outro sistema. O que temos hoje — com o Conclave — remonta ao final do século XIII. E poderá ser mudado, sem que o carisma de Pedro-Papa sofra a menor mudança.

Não seria portanto impossível que um dia a eleição do Papa fosse feita não apenas pelos cardeais, mas também por representantes dos diversos episcopados em representação proporcional que, com a facilidade de transportes do nosso tempo, poderiam reunir-se rapidamente em Roma. Poderíamos também imaginar que não apenas bispos e cardeais, mas também representantes do laicato, fossem convocados, segundo critérios legítimos do

Direito Canônico, para participarem da escolha do sucessor de Pedro.

Utopia? Questão de tempo. E também questão de coerência na doutrina de que a Igreja é Povo de Deus, como ficou tão claramente exposto na Constituição dogmática *Lumen Gentium* (A luz das nações) do Vaticano II. Um dos traços marcantes e característicos do ser Povo é a participação, a corresponsabilidade nos grandes temas de interesse geral. Se a participação do Povo de Deus não for ainda possível, por que não se daria uma chance de o Povo de Deus, em certos casos, escolher o seu Bispo?

E se a escolha do Bispo ainda não puder ser feita pelo Povo, por que representantes eleitos pelo Povo das comunidades não poderiam participar em acontecimentos importantes da vida da diocese ou da paróquia? Em certa diocese do Brasil estabeleceu-se a prática de representantes das comunidades, escolhidos pelo Povo, fazerem a eleição do vigário-geral, do pró-vigário-geral, do coordenador e vice-coordenador diocesano de Pastoral, de uma percentagem notável dos membros do Conselho Presbiteral, do Conselho Pastoral. Uma experiência de vinte anos, sem qualquer dificuldade de ordem dogmática, que na base de uma participação democrática em assuntos que são disciplinares e não dogmáticos, tem funcionado bem, para o bem do Povo de Deus; uma experiência que pode realizar a necessidade de participação e comunhão responsáveis do Povo de Deus. Em si não se trata de "democracia" como experiência política, mas sim de participação corresponsável no sentido paulino: para o bem da Igreja, como acontece com os diversos membros e órgãos do corpo humano. Não se pode pôr em votação uma verdade da Fé. Mas nada impede que se vote e se decida por maioria de votos uma atividade pastoral da diocese ou da paróquia. Esta participação corresponsável produz maravilhas.

CALENDÁRIO PASTORAL SETEMBRO/1987	
01 r(09h00)	Mensal da Pastoral, CENFOR (15h00) Com. Dioc. de Missões, Vocações e Ministérios, CEPAL
04 r(15h00)	Equipe Dioc. de Clubes de Mães, CEPAL
05 r(07h30)	Com. Dioc. de Past. da Família, Cat.
r(08h00)	Equipe Dioc. de Crisma, CEPAL
r(09h00)	Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR
r(15h00)	Com. Dioc. de Past. da Juventude, CEPAL
r(15h00)	Com. Dioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL
06 r(14h30)	RPastoral 3
08 r(09h00)	Cons. Presbiteral, CEPAL
r(19h30)	RPastoral 4
11 r(19h30)	RPastoral 1, Cat.
15 r(09h00)	Mensal do clero, COR.
r(20h00)	RPastoral 2
17 r(09h00)	Cons. Pastoral, CEPAL
18 r(19h30)	RPastoral 7
19 r(08h00)	Com. Dioc. de Catequese, Sem.
r(08h00)	Com. Dioc. de Liturgia, CEPAL
r(09h00)	Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR
20	"a Romaria da Terra, Pinheiral (Volta Redonda)
22 r(09h00)	Cons. Presbiteral, CEPAL
r(19h30)	RPastoral 6, Cab.
25 r(19h30)	RPastoral 5, A

CALENDÁRIO SOCIAL SETEMBRO/1987	
02 n(1915)	Eugênia Cotta FC, Viga
o(1951)	Gilberto Roij MSC, Sem. MSC, H
03 o(1960)	Humberto van der Toght MSC, pSAg.
06 n(1945)	Valdir Oliveira pRSobr., vice-reitor Sem. Dioc.
08 v(1970)	Roberto Charles Dixon CICM, cR
12 v(1971)	Nives Chialva IJC, VCava
o(1954)	Renato Stormacq CICM, coord. past., pA
15 m(1969)	Dr. Friedrich Wilhelm Doepner, Rio
16 v(1984)	Rita de Cássia Luciano MJC, RSobr.
17 n(1928)	Maria Pascoalina NSV, H
19 n(1932)	Guilherme Steenhouwer SSC, pPFI.
20 n(1940)	Lino dal Moro SCAet., pSMaria
21 n(1961)	Marcus Barbosa Guimarães pM
n(1936)	Clarinda Guerra de Faria, MJC, prov.
o(1929)	Mons. Arthur Hartmann jub. pO-Seb. (58 anos)
22 n(1921)	Maurício Vian pJap.
n(1950)	Angel Vidal R. Ludan CICM, cR
23 n(1954)	Mauro Negrette Garcia OFM, vice-coord. past., cN-Ap.
24 m(1980)	Florêncio de Bok SSCC, Rio
25 n(1944)	Maria Fernanda de S. Francisco OSCI.
26 n(1939)	Francisca Ribeiro Rodrigues FC, Viga
n(1930)	Maria Adelina Maciel da Costa MSSp., MCouto
27 n(1924)	Laurindo Marques CSSp. pQ-SFranc.
o(1959)	José-Fernandes Sá CSSp. pQ-Con.
30 n(1949)	Nives Chialva IJC, VCava

CALENDÁRIO PASTORAL OUTUBRO/1987	
02 r(15h00)	Equipe dioc. Clubes de Mães, CEPAL
03 r(07h30)	Com. Dioc. de Past. da Família, Cat.
(08h00)	Equipe dioc. de Crisma, CEPAL
(09h00)	Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR
(15h00)	Com. Dioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL
(15h00)	Com. Dioc. de Past. da Juventude, CEPAL
04 r(08h00)	Concentração de jovens
(14h30)	RPastoral 3
06 r(09h00)	Mensal da Pastoral, CENFOR
r(15h00)	Com. Dioc. de Missões, Vocações e Ministérios, CEPAL
08 r(15h00)	GT-Sínodo, CEPAL
09 r(09h00)	Cons. do Seminário, Sem.
r(19h30)	RPastoral 1, Cat.
13 r(09h00)	Cons. Presbiteral, CEPAL
r(19h30)	RPastoral 4
15 r(09h00)	Cons. Pastoral, CEPAL
r(15h00)	GT-Sínodo, CEPAL
16 r(19h30)	RPastoral 7
17 r(08h00)	Com. Dioc. de Liturgia, CEPAL
r(09h00)	Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR
r(09h00)	Com. Dioc. de Catequese, Sem.
18 (16h00)	Dia das Missões — envio dos ministros, Cat.
20 r(09h00)	Mensal do Clero, COR.
r(20h00)	RPastoral 2
23 r(19h30)	RPastoral 5, Austin
27 r(09h00)	Cons. Presbiteral, CEPAL
r(19h30)	RPastoral 6, Cabuçu

CALENDÁRIO SOCIAL OUTUBRO/1987	
02 n(1935)	Sabina Mortier ICM, R
03 v(1985)	Natércia Fonseca Furtado IFRB, Xangrilá
	Claudionora Alves de Andrade IFRB, Xangrilá
	Tânia Regine de Oliveira Mello, IFRB, Xangrilá
04 v(1968)	Maria Fernanda de S. Francisco OSCI.
07 n(1943)	Maria do Carmo Gonçalves MSSp, MCouto
v(1937)	Alcântara Schrode FB, IESA
v(1984)	Sônia Maria Dziombra IJC, BPastor
10 n(1930)	Renato Stormacq CICM, coord. de Past., pA
o(1986)	Márcio Antônio Duarte MSC, reitor Sem. MSC, c
11 n(1941)	Bartolomeu Bergese CEIAL, pró-vig. geral, pCSul
s(1959)	Dom Honorato Piazzera SCJ, bispo emérito de Laje
(1981)	Criação da Diocese de Duque de Caxias
12 n(1929)	Maria Eugênia NSV, H
n(1945)	Terezinha Luiza da Silva IJCr., Rocha Sobr.
16 n(1937)	Geraldo João Lima, pSJoão
n(1925)	Beatriz Algeri FB, IESA
18 o(1942)	Dom Adriano Hypolito, bispo diocesano (45 anos)
19 o(1986)	Gilberto Teixeira Rodrigues pEPass.
20 m(1984)	Francisco Sancho de Assis, Fortaleza
25 n(1933)	Justina Basso IJC, Bom Pastor
v(1956)	Maria da Imaculada Conceição, abadesa, OSCI.
27 n(1920)	Dom Walmor Battú Wichrowski, Porto Alegre
28 n(1928)	Manoel Monteiro Carneiro, chanceler, pNI-SCJ (K-11)